



VII SINGEP

Simposio Internacional de Gest3o de Projetos, Inova3o e Sustentabilidade
International Symposium on Project Management, Innovation and Sustainability

ISSN: 2317-8302

INSTITUI3O DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRA PIONEIRA NA ABORDAGEM DA EDUCA3O EM EMPREENDEDORISMO: UM ESTUDO DE CASO

EDUARDO VIMERCATI DE S3
UNINOVE – Universidade Nove de Julho

HERMANI MAGALH3ES OLIVENSE DO CARMO
UNINOVE – Universidade Nove de Julho

EDMILSON DE OLIVEIRA LIMA
UNINOVE – Universidade Nove de Julho



INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRA PIONEIRA NA ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO EM EMPREENDEDORISMO: UM ESTUDO DE CASO

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar como uma instituição de ensino superior (IES) aborda a educação em empreendedorismo (EE). A importância e a necessidade da inserção de conteúdo programático à formação de profissionais, com capacidade de desenvolvimento das competências interpessoais e habilidades empreendedoras, para gerenciar seu próprio negócio, considerando assim a EE base fundamental para a gestão de negócios, por meio da troca de informação, valores e conhecimento. A EE nas IES tem crescido mundialmente, sendo que, em alguns países, disciplinas relacionadas ao empreendedorismo são de cunho obrigatório. No Brasil, as instituições de ensino voltadas à EE apresentam valores culturais, sociais, econômicos e políticos para o país. Neste estudo foi realizada a abordagem qualitativa, por meio de estudo de caso único, entrevistas semiestruturadas e pesquisa documental. A pesquisa desenvolvida neste trabalho constatou que, ao longo dos anos, houve evolução em sua estrutura, tanto educacional, quanto curricular com foco na EE.

Palavras-chave: Educação em Empreendedorismo. Empreendedorismo. Instituições de Ensino Superior.

Abstract

This study aims to analyze how a higher education institution (IES) approaches entrepreneurship education (EE). The importance and necessity of the insertion of programmatic content to the training of professionals, with capacity to develop interpersonal skills and entrepreneurial skills, to manage their own business, thus considering the EE fundamental basis for business management, through the exchange of information, values and knowledge. EE in HEIs has grown worldwide, and in some countries, subjects related to entrepreneurship are mandatory. In Brazil, educational institutions focused on EE present cultural, social, economic and political values for the country. In this study the qualitative approach was carried out, through a single case study, semi-structured interviews and documentary research. The research developed in this study showed that, over the years, there was evolution in its structure, both educational and curricular with focus on EE.

Keywords: Education in Entrepreneurship. Entrepreneurship. Higher education institutions.



1 Introdução

Assunto atual, em crescimento nas Instituições de Ensino Superior (IES), estudos no campo da educação em empreendedorismo (EE) estão em evolução no Brasil, embora estejam mais avançados em países desenvolvidos. Segundo Lopes (2010), a EE deve ser disseminada em todas as áreas de estudo sem distinção ou pré-conceitos, pois é um campo composto por diversas oportunidades, sejam elas, dentro das empresas ou para criação destas.

O assunto vem sendo estudado e aplicado em todos os níveis de ensino em outros países, pois em sua compreensão, não deve ser restringida ao mundo corporativo, nem somente às IES. A missão EE é desenvolver pessoas para o empoderamento, com atitudes e mentalidades empreendedoras, para que possam encontrar soluções para os diversos problemas (Sebrae, 2018).

Lopes (2010) acentua que a primeira disciplina em empreendedorismo foi lecionada na Escola de Administração de Harvard em 1947, com o objetivo de qualificar ex-combatentes da segunda guerra mundial para o mercado. No entanto, no Brasil, a primeira disciplina de empreendedorismo, surgiu em 1981, na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (EAESP), que ficou conhecida como “Novos Negócios” de 1981 a 1987.

Filion (2000) descreve que, qualquer formato educacional deve focalizar na disseminação de conhecimento, compreender como este é absorvido por seus discentes. Declara ainda que, na base curricular a teoria é importante, porém, o ensino do empreendedorismo deve instigar seu aprendiz, para que desenvolva o autoconhecimento, seja disposto e entusiasmado naquilo que faz, instigando seu desejo pelo conhecimento, tornando-o apto para enfrentar qualquer desafio que lhe seja apresentado. Qualquer programa de educação é importante para o aprendizado, porém só isso não é suficiente, a maneira como se aprende deve ser levada em conta. O ensino não deve ser embasado somente no conhecimento, deve levar em consideração a capacidade de seus educandos para desempenhar um novo papel.

Andrade e Torkomian (2001) declaram que o século XXI ficou marcado pela inovação que proporciona um diferencial competitivo no mercado empresarial. A inovação trouxe novos conceitos e estratégias em um ambiente hostil de constantes mudanças. Para isto as IES ganham a missão de preparar os profissionais para reconhecer futuras oportunidades para a geração de novos negócios e assim interagir neste ambiente instável. A EE tornou-se um fator de extrema importância para o futuro profissional e por isso está sendo instaurada no mundo todo.

Considerando essas especificidades e a fim de contribuir para a abordagem das EE nas IES brasileiras, este trabalho pretende, pois, responder a seguinte pergunta de pesquisa: Como uma instituição de ensino superior brasileira pioneira na educação em empreendedorismo aborda esse tema?

O objetivo desta pesquisa foi analisar como uma instituição de ensino superior pioneira na educação em empreendedorismo aborda esse tema. Esta pesquisa foi realizada por meio de estudo de caso único com as seguintes técnicas: revisão bibliográfica, análise documental e entrevistas semiestruturadas com especialistas da instituição.



2 Referencial Teórico

2.1 Educação em Empreendedorismo

A educação é a soma de todos os processos de transmissão do conhecido, do culturalmente adquirido e de aprendizagem de novas ideias, procedimentos e soluções desenvolvidos por pessoas, grupos, instituições, organizada ou espontaneamente, formal ou informal (Lopes, 2010). Chen, Greene e Crick (1998) enfatizam o potencial da educação para a formação do empreendedor. Lima, Lopes, Nassif e Silva (2015) corroboram essa importância, ressaltando a relação significativa e positiva entre a intenção empreendedora e a demanda por EE, após estudo acerca de uma educação superior em empreendedorismo mais apropriada.

O crescimento constante do empreendedorismo no Brasil, assim como a convivência com a falência de muitas organizações, revela a importância de capacitar estudantes para o desenvolvimento de suas características empreendedoras. O empreendedorismo apareceu nas últimas décadas como, certamente, a força econômica mais forte que o mundo já conheceu e com ela veio um aumento semelhante no campo da educação em empreendedorismo.

O atual crescimento e desenvolvimento nos currículos e programas dedicados ao empreendedorismo e à criação de novos empreendimentos tem sido notável. O número de faculdades e universidades que oferecem cursos relacionados ao empreendedorismo tem crescido substancialmente nos últimos anos. Entretanto, este crescimento continua a ser o desafio de uma completa legalidade acadêmica para o empreendedorismo. Apesar dos resultados alcançados com o avanço da educação em empreendedorismo, existem desafios críticos que aparecerão (Kuratko, 2005).

Um desses desafios é a estruturação dos programas de educação em empreendedorismo, pois leva-se tempo para isso. Essa estrutura se forma por meio de diversas atividades que tem por objetivo promover o desenvolvimento do espírito empreendedor em seus participantes. Assim, sugere-se em longo prazo que esses programas estimulem a criação de empresas inovadoras, geração de empregos, riquezas e aumento da competitividade nacional e melhor posicionamento de profissionais no mercado de trabalho (Andrade & Torkomian, 2001).

2.2 Educação em Empreendedorismo para Instituições de Ensino Superior

Bastos e Ribeiro (2001) afirmam que, historicamente, sempre houve necessidade de o homem partir em busca do conhecimento. Trazem a reflexão de que a educação acadêmica sofre consequências diretas, inter-relacionadas às questões de ensinar e aprender, que alunos e professores estão sempre em busca de um novo modelo de educação.

No entanto, instituições de ensino superior no Brasil buscam fortalecer e desenvolver um modelo de educação em empreendedorismo, por meio de valores culturais, sociais, econômicos e políticos. Um levantamento do Mapa do Ensino Superior no Brasil publicado pelo SEMESP em 2015 apresenta o curso de empreendedorismo como um dos cinco mais procurados na modalidade de Ensino a Distância (EAD) nas IES de rede privada de cinco estados brasileiros:



Estado	Número de matrículas
São Paulo	12.352
Paraná	9.790
Rio Grande do Sul	7.168
Santa Catarina	2.463
Paraíba	437

Quadro 1: Procura pela disciplina de empreendedorismo em modalidade EAD no Brasil.

Fonte: Adaptação do Mapa do Ensino Superior no Brasil 2015

Para Lopes (2010) é necessário reconhecer a evolução constante do empreendedorismo, aliada ao crescimento econômico que traz a sociedade, através da geração de renda. A autora acrescenta que nos países empreendedores em que o crescimento econômico foi avaliado, o resultado foi animador ao que abrange a economia. Andrade e Torkomian (2001) ressaltam que é extremamente importante ter a percepção que os bons frutos somente serão colhidos em longo prazo e que aparecerão fatores positivos ou negativos, sendo distintos durante todo o tempo de aplicação do processo. Para a implantação da EE em uma IES é primordial ter a compreensão de todas as variáveis, saber captar as mudanças e realizar as alterações necessárias, na medida em que as experiências são integradas ao conhecimento, o que contribuirá em suas peculiaridades para o crescimento e disseminação da EE para os discentes do Brasil.

Andrade e Torkomian (2001) afirmam que o programa de EE é o conjunto de atividades com estrutura de desenvolver e promover o espírito empreendedor em seus integrantes. No Brasil já existem iniciativas empreendedoras, continuam os autores, porém ainda há necessidade de difundir a EE nas IES, instaurando seus principais conceitos, para que haja um fortalecimento dessa cultura no país, partindo das experiências obtidas durante o processo obteremos o aperfeiçoamento dos protótipos brasileiros dos programas de EE, que serão formados conforme os valores culturais e demais influenciadores do país. Seguindo o raciocínio de Andrade e Torkomian (2001), são necessários seis passos para compor um programa de EE:



1º	Observar as perspectivas da instituição de ensino e suas características, tais como cultura, demandas internas e externas.
2º	Ao identificar uma circunstância favorável a introdução do programa, deve-se esboçar sua conduta conforme o objetivo almejado. Para isso é necessária análise do macro ambiente, onde seu foco principal seja a percepção do processo empreendedor, a cultura, condições empresariais e características educacionais.
3º	Estruturar o conteúdo didático relacionado ao projeto em conformidade com a estratégia traçada. É necessária a disseminação das informações com o objetivo de impactar a instituição, principalmente o corpo docente, com a intenção de modificar aspectos da metodologia e estratégias de aula.
4º	Esta é a fase para fixação do programa e seus parâmetros.
5º	Observação do que foi proposto e retificação de possíveis falhas.
6º	Fase final, onde se faz o balanceamento dos resultados do projeto e enfim aplicam-se as devidas melhorias.

Quadro 2: Seis passos para compor um programa de EE.

Fonte: Adaptado de Andrade e Torkomian (2001)

Cunha e Henrique (2008) declaram que com a crescente mudança dos paradigmas educacionais, o mercado deixa de receber simples administradores e passa a desfrutar de profissionais que estão sempre em busca de inovações, prontos para abrir seus próprios negócios e assumir funções complexas. Os autores alegam que para atingir este objetivo, as IES precisam investir em programas criativos que despertem a capacidade inovadora dos discentes, devem criar um programa que sirva para despertar a criatividade sem desvinculá-lo do conteúdo pedagógico.

O modelo a ser trabalhado pelas IES deve trazer uma metodologia embasada na vida real, propondo problemas e soluções, na qual possa desenvolver seus alunos, auxiliando-os para que cheguem preparados ao mercado, sem medo de enfrentar um ambiente hostil e adverso. Acrescentam que o maior empecilho para o desenvolvimento do empreendedor é o contexto financeiro, que afeta todo mundo afora, não somente o Brasil. (Cunha & Henrique, 2008).

3. Metodologia

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, pois se buscará identificar como a EE é abordada pela IES. Os seguintes métodos para coletar dados (entrevistas semiestruturadas, análise de conteúdo e pesquisa documental da instituição estudada); as perguntas elaboradas poderão ser redefinidas na medida em que o pesquisador aprender o que perguntar e a quem; descreverá e analisará dados por padrões, esboçando conclusões e questões para futuras pesquisas; será



suscetível à experiência dos entrevistados, e de que forma ela contribuirá para o estudo (Yin, 2010).

Segundo Lakatos e Marconi (2008a) a seleção do instrumental metodológico está diretamente relacionada ao objeto de estudo, sua escolha é influenciada pelos fatores que estão interligados ao tema, como, fenômenos da natureza, recursos humanos, financeiros, dentre outros, para tanto sua intenção é demonstrar que todo elemento interno ou externo tem interferência direta sobre o tema.

Esta pesquisa será realizada por meio de estudo de caso, que poderá contribuir com os conhecimentos de fenômenos individuais, grupais, organizacionais, sociais e políticos (Yin, 2010). O estudo de caso é relevante quando uma questão “como” ou “por que” é feita sobre eventos contemporâneos ou sobre algo que o investigador tenha pouco controle, caso desta pesquisa. Usualmente combinam-se métodos de coleta de dados, tais como análise documental, entrevistas, questionários, observações e artefatos físicos (Eisenhardt, 1989; Yin, 2010). O estudo de caso tem a eficácia de trabalhar com diversos tipos de evidências, tais como: documentos, artefatos, entrevistas e observações. A coleta de dados desta pesquisa será o método da triangulação que é a combinação de diferentes técnicas de levantamento de dados para a investigação de campo de um mesmo fenômeno (Creswell, 2007).

Almejando a fundamentação desta pesquisa científica, elaboramos um estudo de caso embasado em três importantes aspectos, visando à exatidão dos fatos, nos referenciamos em pesquisas bibliográficas, documentais e entrevistas semiestruturadas, feitas com especialistas reconhecidos em estudos sobre educação em empreendedorismo.

Lakatos e Marconi (2008b) descrevem a pesquisa como um procedimento formal, que induz o indivíduo a ponderar um determinado assunto de forma reflexiva, induzindo a compreensão da realidade ou verdades fracionadas.

Gil (2009) defende o estudo de caso como a forma de pesquisa mais completa, pois para sua fundamentação é necessário aliar o conhecimento tácito ao explícito, de forma a gerar um conhecimento que provavelmente não obtivéssemos através da coleta de dados. Esta forma de pesquisa aproxima o pesquisador da questão problema, permitindo que ele obtenha a compreensão de um todo pela facilidade de observar e tirar conclusões liberais, a obtenção de dados é feita a partir da convergência de diversos materiais e formas de estudo, fazendo com que o estudo seja autêntico e possa captar dados que talvez outro método não abordasse.

Gil (2009) declara que ao tratar de coleta de dados, o estudo de caso é o mais adequado, ele se faz valer “tanto pelos dados de gente quanto pelos dados de papel”.

Para garantir a qualidade do estudo de caso Gil (2009) salienta que é imprescindível o uso de mais de uma técnica de pesquisa, que os dados coletados devem ser confrontados, para obter a legitimidade do estudo, sem permitir que a opinião do pesquisador se evidencie sobre os fatos auferidos.

Gil (2009), evidencia que a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já existente, dos quais os principais são livros e artigos científicos. Deixa claro que a maioria dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas.

Lakatos e Marconi (2008a) afirmam que a pesquisa bibliográfica tem por finalidade colocar o autor em contato direto com tudo o que foi documentado sobre determinado assunto, seja na forma escrita, filmada ou falada.

Para Gil (2009), a principal vantagem da pesquisa bibliográfica, dá-se pela facilidade que o autor encontrará para obter acesso a um conjunto de informações. Conseguirá a obtenção de dados longínquos, provavelmente em maior quantidade do que se ele próprio fosse a campo coletá-los. Declara ainda que este tipo de referencial se torna indispensável quando abordamos fatos de conhecimento histórico.



Gil (2009) fundamenta que o levantamento bibliográfico depende da variedade de aspectos existentes sobre o tema, principalmente do conhecimento do pesquisador, portanto é necessário definir um tema preliminar e explorar a gama de conceitos existentes sobre o objeto de estudo.

Assim, Gil (2009) afirma que o levantamento bibliográfico é de suma importância para a definição de um conceito. Ressalta ainda, que seu uso sozinho seja exíguo, devem-se identificar pensamentos e abordagens dos diversos autores pesquisados e destacar aquilo que se faz primordial a pesquisa.

Sob a ótica de Lakatos e Marconi (2008a) a entrevista é um encontro entre duas pessoas, para que uma delas obtenha as informações necessárias sobre um determinado assunto, tratando-se de uma conversação face a face, realizadas de maneira metódica, que proporciona verbalmente tais informações.

Em relação aos trabalhos científicos Lakatos e Marconi (2008a) explanam que eles devem ser elaborados de acordo com as normas e o fim a que se destinam, demonstram também que eles não devem só servir para o conhecimento ou a compreensão de certos assuntos, mas devem contribuir, servindo como modelo ou contribuição para trabalhos futuros.

4. Coleta e Análise de Dados

Tanto na área educacional como na área profissional o empreendedorismo ainda é cercado por tabus e pré-conceitos, sendo pouco retratado no Brasil. Percebemos que existe falta de profissionais especializados na área e este fato faz com que a população, apesar de sua capacidade empreendedora, venha a ter medo do assunto, pois tudo o que é desconhecido gera receio. Gil (2009), afirma que para conhecermos os fatos da vida real é necessário que exploremos as suas singularidades, principalmente as quais desconhecemos os limites definidos.

A EE é amplamente abordada na grade curricular da Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP), principalmente em seus cursos de MBA que são referência nacional. Para referenciar o tema, utilizamos como exemplo a grade curricular do curso de MBA em Gestão Estratégica e Econômica de Serviços, por apresentar em sua ementa cinco módulos que abrangem a cultura empreendedora:



MÓDULO	CONTEÚDO
Perfil da administração empreendedora	<ul style="list-style-type: none">- Conceitos básicos ligados ao tema do empreendedorismo;- A importância do empreendedorismo para a economia como um todo;- Dados sobre as pequenas e médias empresas no Brasil;- Ciclo empreendedor e suas quatro fases;- Exploração do tipo específico de empreendedorismo.
Estratégia e ação empreendedora	<ul style="list-style-type: none">- Estratégias genéricas, conceituadas por Michael Porter;- As limitações das práticas empresariais e o aproveitamento das oportunidades de negócio;- A formação de práticas empreendedoras será avaliada frente às características dadas pelo sistema cultural de um país.
Plano de negócios	<ul style="list-style-type: none">- Relatório ou documento de trabalho, detalhados de forma clara e objetiva;- Apresentada a estrutura do plano de negócios aprofundando discussões sobre modelos para análises estratégicas do setor e da concorrência;- Modelo estratégico de acompanhamento da implantação do plano de negócios.
Empreendedorismo e gerenciamento	<ul style="list-style-type: none">- Diferenças entre os processos de criação e gestão;- Fortalecimento da capacidade empreendedora;- Apresenta os cinco estágios de desenvolvimento de um empreendimento, as habilidades e os fatores de gestão críticos.
Encerramento	<ul style="list-style-type: none">- Avaliação do trabalho e teste dos conhecimentos sobre o conteúdo desenvolvido nos módulos anteriores.

Quadro 3: Ementa do MBA em Gestão Estratégica e Econômica de Serviços.

Fonte: Adaptado da apostila de Cursos Superiores de Tecnologia da FGV.

Com o propósito de identificar a importância, relevância e necessidade da inserção de um conteúdo programático não somente nos cursos de Administração de Empresas, como também identificar a necessidade de formar profissionais com capacidade de desenvolver competências e habilidades empreendedoras, para implementar e gerenciar seu próprio negócio, através de estudo do perfil, técnicas de identificação e oportunidades.

Para tal, pós-levantamento de informações, conseguimos criar certa familiaridade com o assunto, de forma a encontrar três especialistas empreendedores, reconhecidos por sua excelência, que se disponibilizaram a contribuir para que o tema abordado seja disseminado pela cultura do país.

Nosso primeiro especialista é um engenheiro que virou executivo, depois empresário, depois professor. Foi CEO de uma sociedade anônima industrial durante quinze anos. Dentre dezenas de candidatos foi escolhido para integrar o corpo docente da EAESP, devido a sua vasta experiência nacional e internacional, como desenvolvedor de projetos e negócios, considerando que suas observações vinham da vida real e da participação em negócios maduros ou iniciantes. Os alunos devem ser educados em conhecimentos de negócios e ter acesso ao conhecimento global. Em sua opinião deve-se impregnar o aluno com valores e princípios, capacidade de criar, coordenar equipes e principalmente convencê-los de que é



preciso muito trabalho para inovar e ter sucesso. Acrescenta ainda, que é fundamental promover autoconfiança, dedicação e seriedade, pois se faz necessário desenvolver a sua capacidade de conciliar pessoas e enfrentar derrotas.

A educação em empreendedorismo surgiu com os *MBA's* por volta dos anos 2000 e nos cursos de graduação dos anos seguintes. Informação oferecida pelo nosso segundo especialista, coordenador acadêmico de *MBA's*. Professor de cursos e Pós-graduação da FGV-SP, especialmente na área que abrange as disciplinas de negociação, empreendedorismo e plano de negócios.

O terceiro especialista, sendo doutor e mestre pela universidade de Stanford, fundador e diretor da Coppead/URFJ em seus primeiros sete anos, detentor de cargos de alta gerência em grandes empresas, atualmente diretor adjunto do núcleo São Paulo do FGV *Management*. Ele acrescenta a informação de que a quantidade de cursos especializados em empreendedorismo vem aumentando consideravelmente, acredita que o empreendedorismo é um fenômeno em ascensão, mesmo nos países mais pobres, aonde organizações não governamentais já vêm desenvolvendo trabalhos com este foco.

Os especialistas acreditam que o empreendedorismo vem influenciando o Brasil desde os séculos passados, mas o tema começou a aparecer nas escolas somente no início deste século. Inicialmente o conteúdo não foi aceito, mas aos poucos as melhores escolas e algumas instituições visionárias estão conseguindo desenvolver o empreendedorismo em seus cursos. Eles acreditam que o Brasil não deixa a desejar em relação aos métodos educativos de outros países, pois no início dos anos 2000, o empreendedorismo ainda era uma palavra desconhecida e em pouco tempo já evoluiu bastante. Sendo ainda mais otimista, um deles menciona que o Brasil já é reconhecido internacionalmente como um país empreendedor, pois suas atitudes são espelhadas em países mais desenvolvidos.

Segundo a opinião dos especialistas, o empreendedorismo está fortemente enraizado na nossa cultura, pois o brasileiro é detentor de inovação e criatividade. Entretanto, o baixo nível cultural e educacional é uma barreira que oprime este potencial. Para amenizar estes elementos é de extrema importância o investimento na educação, para cessar a falta de compreensão, no que compete ao grande desafio de ler e entender. Faz-se necessária a disseminação de outros idiomas por ser um fator crucial para o desenvolvimento da cultura empreendedora. Um dos especialistas agrega que o conhecimento matemático é de extrema importância para o futuro empreendedor e que ainda há grande receio em manuseá-lo, talvez pela falta de compreensão do potencial que traria aos empreendedores brasileiros.

Dois de nossos especialistas acreditam que as IES brasileiras estão impregnadas com uma cultura assistencialista e que abolir a mesma seja o maior desafio para a melhoria da educação em empreendedorismo. Outro grande desafio para a melhoria no ensino em empreendedorismo é o de fazer com que as instituições de ensino brasileiras incluam a disciplina em suas grades curriculares, e instiguem os empreendedores a compartilhar suas experiências com os alunos.

A EE ainda é incipiente no Brasil, mas está começando a se difundir, inclusive no ensino médio. Contudo, o país ainda enfrenta problemas ao mencionar métodos e conteúdo. Há ainda dificuldades para diferenciar o empreendedorismo de um plano de negócios, e parte deste obstáculo se deve à falta de professores especializados, que nunca tiveram uma experiência empreendedora para transmitir aos seus alunos.

Na visão dos profissionais, um ensino de referência deve aliar a teoria com a prática, é primordial cultivar a interação entre os participantes, aonde todos devem participar do passo a passo, demonstrar suas ideias e conhecimento, treinando assim o empreendedor para a gestão do novo negócio. Ao ensinar empreendedorismo, a sociedade se beneficia com uma melhor distribuição de renda, gerando crescimento econômico e causando mudança na cultura assistencialista para a iniciativa privada. O papel do professor é tornar-se facilitador e agente



motivador no ensino da disciplina. Para um modelo eficiente de educação precisamos ter mais empreendedores ensinando a empreender.

Ainda é possível encontrar instituições que defendam cursos que aumentem a empregabilidade dos alunos, visando criar pessoas prontas para ocupar cargos, entretanto, para instituímos a EE nas instituições de ensino devemos desassociar este pensamento de nossa cultura e compreender que o ideal é desenvolver nos discentes a capacidade criar empresas, pois através de tal talento agrega-se a geração de empregos e riqueza.

Os negócios criados por empreendedores não vêm com o objetivo de ganhar grande parte do mercado, suas reais intenções são as de inovar, oferecendo produtos ou serviços que o consumidor nem sabia que precisava. Na visão do segundo especialista, Estados Unidos, Israel, Hong Kong e França, são os países que se destacam tanto na formação quanto no apoio aos empreendedores. Retrata ainda que, nos Estados Unidos, os empreendedores de sucesso são reconhecidos como celebridades.

Partindo do conhecimento de todos, ganham destaque como modelos de referências nacionais, a FGV-SP e o INSPER, por serem pioneiros e pela detenção de professores empreendedores experientes. Citam também o SEBRAE por suas iniciativas voltadas ao microempreendedor. Sobre a tecnologia, afirmam que, cabe mais a visão de empreender em gestão e em modelos de negócios inovadores, já que inovações tecnológicas são mais adequadas às escolas de engenharia e similares. A educação em empreendedorismo é essencial para estimular a geração de empregos, logo precisamos investir em professores com maior experiência empreendedora e em linhas de crédito mais baratas, para estimular os empreendedores, que podem ser os grandes geradores de emprego.

Em consenso geral, os especialistas concordam que a FGV é uma das principais pioneiras no que concerne à educação em empreendedorismo no Brasil e que, nos dias atuais, é tida como referência nacional por sua atitude empreendedora. A quantidade de cursos especializados oferecidos pela instituição e a notável gestão dos mesmos a difere no quesito educação. No que concerne à amplitude do tema, seu excelente programa de qualificação vem formando grande número de empreendedores, demonstrando que é possível aprender a empreender.

Compreende-se que há uma correlação entre a educação em empreendedorismo e a liberdade em cada país, pois quanto maior a liberdade, maior a facilidade de acesso ao ensino empreendedor e sua prática, quanto menos burocracia, maior a facilidade de investimentos, portanto, uma liberdade maior, instiga as pessoas a se aventurarem em novos negócios, seja pelo exemplo de alguém que arriscou e alcançou seu objetivo, ou por sua própria inspiração empreendedora.

5. Considerações Finais

Através do estudo aplicado para conhecimento do ensino em empreendedorismo em uma instituição de ensino superior, percebe-se que existe uma escassez de professores aptos para o ensino do empreendedorismo, seja qual for o curso. Não obstante, pode-se perceber que a disciplina é efetivamente selecionada como necessária para formação acadêmica em uma pequena parte das instituições de Ensino Superior do Brasil. Observa-se que a maioria dos centros de ensino superior não classifica o empreendedorismo como estudo necessário para formação ou qualificação acadêmica.

O tema de empreendedorismo no Brasil se torna, cada vez mais, um fenômeno de grande impacto social e principalmente econômico. Embora ações empreendedoras estejam sendo aplicadas, persistem as altas taxas de mortalidade de negócios devido à falta de qualificação gerencial e profissional. Parte dos empreendedores não possuem qualificação ou conhecimento suficiente para manter seu negócio dentro do ambiente competitivo. Este fator,



independe da qualificação profissional do empreendedor, podendo variar para os empreendedores de nível acadêmico, de nível médio, até aos grandes títulos como MBA.

O pretexto que diz que o verdadeiro empreendedor é aquele que já nasce com os dons necessários para este e, que estas habilidades não são transferidas, está se tornando cada vez mais redundante e passível de paradigma. O estudo realizado na Fundação Getúlio Vargas, com o Diretor, Coordenador e Professor da instituição, relata que o desenvolvimento do empreendedorismo é passível de absorção de conhecimento para todas as áreas e pessoas. Somente não está sendo ampliada por causa da educação tradicional brasileira, onde conforme os especialistas da FGV, o ensino em empreendedorismo ainda não está totalmente formado, e desta forma não é desenvolvido da melhor forma no Brasil.

As universidades privadas hoje conhecidas e até mesmo renomadas, não possuem professores qualificados para o ensino correto do tema empreendedorismo. Como mencionado pelo professor da FGV-SP, na cultura educacional do Brasil, os poucos professores destinados à aplicação desta disciplina não detêm, muitas das vezes, de conhecimento prático da área e uma vez que o sucesso é decorrente de fatores internos e externos ao negócio, também propiciado do perfil empreendedor e sua administração do empreendimento, torna-se necessário não só o conhecimento acadêmico, mas também o conhecimento empírico, prático e estratégico do tema para o bom conhecimento da disciplina e seu *networking* oferecido.

Conforme comentário do coordenador de um dos cursos da FGV, este tipo de “perfil de ensino” do empreendedorismo é dado por motivos da cultura assistencialista, onde se entende que o Estado é o provedor de serviços, esquecendo-se de que o dinheiro que o Estado tem é tirado dos seus cidadãos através de impostos cada vez maiores. Não só isso, mas a cultura de que o empreendedor não domina as competências básicas para o gerenciamento do negócio, sendo estas competências, conforme menciona o professor da FGV-SP, o domínio da matemática aos atributos de seu dia-a-dia, o gerenciamento do negócio por parte de projetos a serem realizados, marketing, produção, entre outros.

Mesmo com estes grandes impactos da área de empreendedorismo, um de nossos especialistas afirma que o Brasil já é detentor do mérito de “país empreendedor”, porém, faz-se necessário seu desempenho e atuação de forma mais acirrada e focada, da mesma forma que é aplicado em outros países como Estados Unidos, Israel, Hong Kong, França que são os países que se destacam tanto na formação quanto no apoio a empreendedores. Este tipo de abordagem faz com que os futuros empreendedores adquiram conhecimento para abranger um mercado não conhecido e visionar o alcance empresarial em todas as áreas.

Para este tipo de alcance educacional, faz-se necessário melhores profissionais, tanto do âmbito acadêmico quanto profissional, para a distribuição de conhecimento às IES e consequentemente para os alunos destas. Não obstante, é necessário também que haja uma mudança política e cultural do sistema educacional brasileiro, para que se tenham mais acesso e incentivos à inserção de empreendimentos e estudos para o bom gerenciamento de seus projetos.

6. Referências Bibliográficas

Andrade, R. F.; Torkomian, A. L. V. (2001). Fatores de influência na estruturação de programas de educação empreendedora em instituições de ensino superior. *Anais do II EGEPE, Londrina/Paraná*, (ISSN 1518-4382), p. 299-311. Disponível em: <<http://www.anegepe.org.br/edicoesanteriores/londrina/EMP2001-39.pdf>> Acesso em: agosto de 2016.



Bastos, M. F.; Ribeiro, R. F. (2011). Educação e empreendedorismo social: um encontro que transforma cidadãos. *Revista Diálogo Educação, Curitiba*, v. 11, n. 33, p. 573-594, maio/ago.

Chen, C. C., Greene, P. G., Crick, A. (1998). Does entrepreneurial self-efficacy distinguish entrepreneurs from managers? *Journal of Business Venturing*,

Creswell, J. W. (2007). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Cunha, S. K.; Henrique, D. C. (2008). Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. *RAM – Revista de Administração Mackenzie*, vol. 9, n. 5, p. 112-136.

Eisenhardt, K. M. (1989). Building theories from case study research. *Academy of Management. The Academy of Management Review*, 14, 532- 550.

Filion, L. J. (2000). Empreendedorismo e gerenciamento: processos distintos, porém complementares. *Revista de Administração de Empresas Light*, v. 7, n. 3, p. 5, jul./set.

Gil, A. C. (2009). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Quarta edição. São Paulo: Atlas, 2009, 176 p.

Kuractko, D. F. (2005). The Emergence of Entrepreneurship Education: Development, Trends, and Challenges. *Entrepreneurship Theory and Practice*. Pág. 577-597.

Lakatos, E. M.; Marconi, M. de A. (2008a). *Técnicas de pesquisa*. 7 ed. São Paulo: Atlas.

_____; _____. (2008b). *Fundamentos de metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, p. 311.

Lima, E., Lopes, R. M. A., Nassif, V. M. J., Silva, D. (2015). Ser seu próprio patrão? Aperfeiçoando-se a Educação Superior em Empreendedorismo. *RAC – Revista de Administração Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, art. 1, pp. 419-439, jul./ago.

Lopes, R. A. (2010). *Educação empreendedora*. São Paulo: Alta Books, 256 p. Mapa do Ensino Superior no Brasil.

SEMESP (2015). Disponível em: <<http://convergenciacom.net/pdf/mapa-ensino-superior-brasil-2015.pdf>>. Acessado em 10/04/2017.

MBA em Gestão Estratégica e Econômica de Serviços (2016). *Apostila de Cursos Superiores de Tecnologia da FGV*. São Paulo.

SEBRAE (2018). “Educação Empreendedora para todos os níveis de ensino”. Disponível em <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/Programas/educacao-empresarial-para-todos-os-niveis-de-ensino,d809d24a8321c510VgnVCM1000004c00210aRCRD> Acesso em 07 mar.2018.

Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: planejamento de métodos*. (4ª ed.) Porto Alegre: Bookman